

A PESQUISA NARRATIVA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

LA INVESTIGACIÓN NARRATIVA EN LA EDUCACIÓN ESPECIAL

NARRATIVE RESEARCH ON SPECIAL EDUCATION

Leonor Paniago ROCHA¹
Marlene Barbosa de Freitas REIS²

RESUMO: Esse ensaio teórico apresenta as contribuições da pesquisa narrativa para a compreensão dos processos de inclusão de alunos com deficiência. Assim, trata do recurso da pesquisa narrativa como metodologia importante para se revisitar o passado, promover autoformação e formação. Tem como objetivo apresentar as principais características do método de História de Vida, bem como as especificidades das narrativas no contexto das pesquisas na área da educação. Nesse sentido, defende que a história de vida de um sujeito com deficiência é particularmente proveitosa para a Educação Especial, ou outros campos de conhecimento que lidam com grupos excluídos, pois favorece a reflexão em relação às situações vividas pelo sujeito, as influências da exclusão no âmbito pessoal, social, econômico, político e educacional, bem como é capaz de apontar a necessidade de mudanças nas políticas, na cultura e na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Investigação em educação. História de vida. Pesquisa narrativa. Educação especial.

RESUMEN: Este ensayo teórico presenta las contribuciones de la investigación narrativa para la comprensión de los procesos de inclusión de alumnos con discapacidad. Así, trata del recurso de la investigación narrativa como metodología importante para revisitar el pasado, promover autoformación y formación. Tiene como objetivo presentar las principales características del método de Historia de Vida, así como las especificidades de las narrativas en el contexto de las investigaciones en el área de educación. En este sentido, defiende que a la historia de vida de un sujeto con discapacidad es particularmente provechosa para la Educación Especial, u otros campos del conocimiento que trabajan con grupos excluidos, pues favorece la reflexión con relación a las situaciones vividas por el sujeto, las influencias

¹ Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí – GO – Brasil. Professora titular. Doutora em Educação - (PUC-GO). Pós-doutora em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT). Membro do grupo de pesquisa; Formação de professores e saberes pedagógicos; cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, CNPq realizando pesquisa nas áreas da educação, diversidade, políticas públicas, deficiência e inclusão escolar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1076-703X>. E-mail: leonorpaniago.ufg@hotmail.com

² Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis – GO – Brasil. Professora titular. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-graduação interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT). Pós doutora em Gestão da Informação e Conhecimento pela Universidade do Porto, Portugal (2015). Professora do Curso de Pedagogia (UEG/Inhumas). Membro do grupo de pesquisa; Formação de professores e saberes pedagógicos - Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2213-7281>. E-mail: marlenebfreis@hotmail.com

de la exclusión en el ámbito personal, social, económico, político y educacional, así como es capaz de señalar la necesidad de cambios en las políticas, en la cultura y en la sociedad.

PALABRAS CLAVE: Investigación en educación. Historia de vida. Investigación narrativa. Educación especial.

ABSTRACT: This theoretical essay presents the narrative research contributions to the comprehension of disabled students inclusion process. That way, addresses the narrative research resource as an important methodology to revisit the past, promote self-education and training. Its goal is to present the major characteristics of the method of History of Life, as well as the specificities narratives in the context of researches in the education area. In this sense, it argues that the life story of a subject with a disability is particularly beneficial for Special Education, or other fields of knowledge that deals with excluded groups, because it favours the reflection in relation to the situations lived by the subject, the influences of exclusion in the personal, social, economic, political and educational spheres, as well as being able to point out the need for changes in policies, culture and society.

KEYWORDS: Investigation on education. History of life. Narrative investigation. Special education.

Introdução

Todos nós possuímos uma história e contá-la significa lembrar ou relembrar acontecimentos. Contá-la e ouvi-la é ter e oferecer a oportunidade de construir conhecimento. A vida precisa ser contada e ouvida. É dela, ou, são delas – das inúmeras vidas que conhecemos – que se retira o conteúdo da aprendizagem. Afinal, a vida vive-se, sem que se queira ou não queira³, e produz história. As histórias têm o poder de nos inquietar, de nos acalmar, nos encantar e enternecer.

Para Prado *et. al* (2017, p. 1159-1160),

Ao narrar um episódio, o narrador expõe sua maneira de ver o mundo, de modo que narrar torna-se uma sistematização da experiência para a compreensão do fato ocorrido, assim como também ocorre com o receptor ou ouvinte. Narrar e ouvir não são ideias livres, visto que englobam o saber, a racionalidade e a identidade de como se percebe o mundo.

Por isso, narrar e ouvir narrativas de histórias de vida são, sim, uma maneira ou metodologia de se construir conhecimento, que pode ser utilizada nos processos de formação e autoformação.

³ Fernando Pessoa – Alberto Caeiro *In*: “Fragmentos” Heterônimo de Fernando Pessoa.

Estamos tomando por História de Vida o indicado por Berthaux (1980) como *life story*, isto é, sendo o estudo que utiliza como fonte única de dados a estória ou relato de vida como o sujeito a narra. Nesse sentido, estamos defendendo que as narrativas compõem a estória de vida, sendo esta última muito superior à primeira.

Afirmamos que as narrativas favorecem a reflexão em relação às situações vividas pelo sujeito, as influências sofridas por este no âmbito pessoal, social, econômico, político e educacional, bem como é capaz de apontar a necessidade de mudanças nas políticas, na cultura, na sociedade. Deste modo, “a razão principal para uso da narrativa na pesquisa em educação é que nós seres humanos, somos organismos que individual e socialmente, vivemos vidas contadas (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 11)”.

Assim, sob essa perspectiva, asseguramos que a história de vida de um sujeito é particularmente proveitosa para a Educação Especial, ou outros campos de conhecimento que lidam com grupos excluídos.

De acordo com Glat (2004, p. 235), “essa modalidade de pesquisa qualitativa vem sendo empregada há algum tempo, no Brasil, em pesquisas na área da Educação Especial (GLAT, 1989; CANEJO, 1996; MULLER; GLAT, 1999; SANTOS; GLAT, 1999; NOGUEIRA, 2002; GLAT; DUQUE 2003)”.

Confirmando essa realidade lembramo-nos das pesquisas de Carneiro (2007), Antunes (2012), Hass (2013), Caiado (2014) e muitos outros que, se utilizando da fala de narradores, produziram ciência. Ademais, é notório observar que:

A comunidade acadêmica, preocupada com a transmissão das heranças do passado que possam servir como esteios para o futuro, tem buscado criar alternativas para que o registro da fala de narradores, anônimos ou não, possa funcionar como um dos elos entre o que passou e o que ficou, possa se transformar no olhar do tempo presente sobre as experiências do tempo ido, mas não mais perdido. A narrativa contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por conseqüência, suporte do poder do olhar da memória (DELGADO, 2003, p. 22).

Como vimos, também as histórias de vida dos anônimos interessam à comunidade acadêmica. Desse modo, defendemos que pesquisas realizadas com sujeitos em situação de exclusão devem ocorrer, principalmente porque tiram suas vidas e suas realidades do anonimato.

Para Glat (2004, p. 235):

Essa perspectiva de investigação traz embutida, também, uma análise reflexiva, já que o sujeito ao relatar sua vida, não só descreve suas experiências e visão de mundo, como, inevitavelmente, identifica suas

necessidades e dificuldades, bem como as estratégias de adaptação e superação de sua condição estigmatizada.

Assim, a escuta das narrativas desses sujeitos deve partir do que têm a dizer em uma dinâmica conhecida como entrevista biográfica do método de história de vida. Nela o entrevistado não responde a perguntas fechadas com possibilidades de “sim ou não”. Ele discorre sobre o que considera importante em sua vida, podendo ser perguntado sobre como interpreta/ou ou se sente/iu diante de alguns fenômenos relatados, seguindo uma combinação de escuta atenta e questionamento, como indicado por Berthaux (1980). Sem muitas perguntas e nem roteiro pré-determinado, o que interessa ao pesquisador é captar o que o entrevistado tem a dizer sobre situações vivenciadas, pois:

Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios, análises, emoções, reflexões, testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada aos quadros sociais da memória e da complexa trama da vida (DELGADO, 2003, p. 22-23).

Importante lembrar que pesquisadores que se interessam por história de vida de sujeitos estigmatizados, períodos de segregação e atitudes de preconceito não o fazem por vertente do modismo ou por interesse diferente de denunciar situações e modificar ações. Não foram o surgimento das leis sobre inclusão, a chegada dos programas e projetos de educação inclusiva nas escolas que os impulsionaram.

Foram suas inquietações frente à exclusão, o mal-estar provocado pela falta de aceitação, de reconhecimento do outro e o desejo de revelar a visão que os “diferentes” têm de si e de seu mundo que têm levado pesquisadores, desde muito tempo, a realizar suas pesquisas, utilizando-se das narrativas com grupos e sujeitos vistos sob o prisma exclusivo da incapacidade. Assim fizeram Ecléa Bosi em 1979, Rosana Glat em 1988 e outros. Seus textos revelam a importância de registrar a história dos excluídos por eles mesmos e a grandiosidade e a importância do conteúdo das lembranças desses sujeitos.

Trabalhando as narrativas

Nas histórias de vida tudo é simplesmente lembrado, dessa maneira, impossível de ser desmentido por outros sujeitos. Seu objeto de pesquisa é fruto de uma empatia com a vida revelada por um sujeito cujas memórias são contadas. O recurso utilizado como método de abordagem por esse pesquisador está ancorado no vínculo de amizade e confiança já existente ou que se forma durante a pesquisa com o recordador.

Com tais características é comum, diante do material coletado, o pesquisador se perguntar como tudo isso pode ser analisado. Como analisar lembranças, às vezes tão particulares, sentimentos tão íntimos, dentro do rigor da ciência? Quando se utiliza da História de Vida, dentre tudo que o que há que se buscar, está também a comprovação de que a cientificidade não perece diante da sensibilidade ou do romancear.

Para Minayo (2012, p. 622), “a qualidade de uma análise depende também da arte, da experiência e da capacidade de aprofundamento do investigador que dá o tom e o tempero do trabalho que elabora”. Compreendemos a partir dessa autora que também a cientificidade da pesquisa narrativa não há como ser questionada pois:

ao buscar responder questões em um determinado contexto espaço-temporal ou histórico-social, as pesquisas qualitativas não são generalizáveis. Isso não significa que sejam pouco objetivas, pouco rigorosas ou sem credibilidade científica, mas sim que abordam e tratam os fenômenos de outra forma (MUYLAERT *et. al.*, 2014, p. 197).

A fim de fortalecer a ideia de que os romances também oportunizam formação, lembramo-nos de Rousseau em: *Emílio, ou da Educação*, que narra e romanceia lindamente o processo educacional de Emílio e por meio da leitura de sua obra nos formamos e formamos nossos alunos. Sua obra filosófica, narrativamente romanceada, nos leva a refletir para além da educação de um menino. Ela provoca nossas reflexões acerca da educação em si, da política, da sociedade, da natureza humana.

Nesse sentido, um texto romanceado provoca interiorização do conteúdo, mantém-se numa esfera individual e afastado dos conselhos e do senso prático das narrativas (BENJAMIN, 1985), o que pode provocar aprendizado. Acreditamos que o diálogo com os sujeitos pesquisados, com suas lembranças, seus sentimentos, emoções e situações enriquecem quem lê, ouve e/ou analisa essas narrativas, oportunizando a recuperação de um tempo e de situações que não podem ser esquecidas.

Sobre como analisar as narrativas coletadas na História de Vida afirmamos, igualmente Santos e Santos (2008, p. 715), “que não há publicações que abordem o processo de análise em História de Vida”. A maioria dos resultados de pesquisa contém o registro dos depoimentos, apresentam como esses foram coletados e as categorias de análise, sem revelar os procedimentos para se chegar a elas.

É comum em outras modalidades de pesquisa o pesquisador escolher por onde começar a coleta dos dados. Arbitariamente ele escolhe um ponto para começar. Em História

de Vida é preciso lembrar que esse início deve ser dado pelo recordador, porque este fluirá do ponto que mais lhe fizer sentido e tiver mais significado e/ou importância.

Nas audições e registro da história da vida e um recordador é preciso que o pesquisador oportunize a ele, referente ao tema discutido, revelar diacronicamente como foi pensado, vivido e sentido os acontecimentos ao longo do tempo, ou seja, entendendo os fatos e as situações de acordo com sua evolução no tempo, pois:

A história de vida não é uma progressão ao longo de um *continuum*, mas um vai-e-vem sobre a experiência anterior de um indivíduo ou de um grupo, se revela estranha a um modelo de sucessão cronológica linear (SANTOS; SANTOS, 2008, p. 718).

De acordo com essas autoras, somente a partir do significado dado por cada narrador sobre sua história de vida é que o pesquisador pode decidir pela orientação teórica. Nessa concepção, as categorias de análise não são determinadas previamente, elas são construídas no contato com os dados coletados nas entrevistas.

No método de História de Vida os fragmentos dos depoimentos não podem ser utilizados isoladamente do contexto da história contada. Nesse sentido só podem ser compreendidos quando reinseridos na história do sujeito.

O método História de Vida emprega a análise temática que permite aos autores apreender os núcleos de sentido (os temas) contidos nas entrevistas. De posse dos temas são construídas as categorias analíticas a partir do discurso dos sujeitos, analisadas à luz de um referencial teórico apropriado. A análise temática oportuniza aos pesquisadores compararem aspectos particulares comuns ou divergentes do que já se conhece, relatados pelos sujeitos que vivenciaram a situação a ser estudada.

Porém, é necessário que os pesquisadores tomem cuidado durante a seleção dos temas para que não seja modificado o significado que cada depoente atribuiu à sua própria vida. Daí ser necessário estar atento para o fato de que este método pode fazer surgir assuntos de outras dimensões das vidas dos recordadores, que mesmo não tendo sido *a priori* pensadas pelo pesquisador, não poderão ser descartados na análise.

Ademais, elaborar um texto de pesquisa é sempre um momento cheio de tensões que nos fazem perguntar sobre como foi nossa escuta e como iremos falar aos nossos leitores sobre o que foi relatado pelo narrador.

Há também, uma tensão quando olhamos introspectivamente a respeito de questões de voz e se seremos capazes de capturar e representar as histórias compartilhadas por nós mesmos e por nossos participantes. Há uma tensão,

ainda, quando nos voltamos extrospectivamente, para pensar a respeito de questões de audiência e de forma. E há, também, uma tensão quando consideramos em como representar a situacionalidade da pesquisa dentro de um lugar (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 186).

Neste sentido, está posto que a pesquisa narrativa não é um método de coletar e escrever uma história com determinado grau de reflexão. Transformar um texto de campo, coletado por meio de narrativas, em um texto de pesquisa é, pois, bastante complexo. “Por isso, tão difícil quanto pode ser contar uma história, mais difícil ainda é a tarefa igualmente importante, de recontar as histórias que permitem desenvolvimento e mudança” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 108).

A pesquisa narrativa e suas peculiaridades

Defendemos nesse texto que a Pesquisa Narrativa, como qualquer outro tipo de pesquisa,

é uma atividade voltada à compreensão do mundo, ao desejo de desvendar/desvelar o que está oculto. Está relacionada ao indagar, ao questionar o que está dado, ao que parece natural. Pesquisar é uma atividade que exige estranhamento, questionamento, inconformidade ao posto como correto, como ordem; tem como objetivo a busca do conhecimento do que se esconde no cotidiano. Pesquisar, então, está associado à necessidade de conhecer, de procurar possíveis respostas a hipóteses pensadas a priori pelo pesquisador – estas que podem ser refutadas tendo em vista o que dizem àquelas, dentro de determinado campo de possibilidades de análise (THESING; COSTAS, 2017, p. 1840).

O que diferencia, significativamente, a Pesquisa Narrativa das demais é sua forma. Para Clandinin e Connely (2015, p. 49), a pesquisa narrativa lida com a experiência, “portanto, experiência educacional deve ser estudada narrativamente”. Para os autores, a vida das pessoas, das escolas, das paisagens institucionais, deve ser compreendida como elas são ao ser experienciadas em um *continuum*, pois são submetidas cotidianamente às experiências que são contextualizadas em uma narrativa histórica dentro do tempo. Deste modo, a pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência. “É um tipo de colaboração entre pesquisador e participante, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com o *milieus*” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 51).

De acordo com Meihy (2005), atualmente muitos trabalhos de pesquisa (teses e dissertações) são desenvolvidos utilizando como método para a coleta de dados a história de vida, se colocando, dessa maneira, como uma alternativa para a construção de saberes. O que

confirma que ela se configura como um instrumento de trabalho que produz conhecimento, privilegiando o diálogo e a colaboração de sujeitos considerando suas vivências, experiências, memórias, identidades e subjetividades. Sua importância é tal que muitos pesquisadores têm se interessado em discutir a narrativa no contexto da pesquisa educacional. Dentre eles estão Nóvoa (1992), Zabalza (2004), Galvão, (2005), Rabelo, (2011), Sousa (2012), dentre outros.

De acordo com Burnier *et. al* (2007, p.344)

Na literatura internacional, os trabalhos de autores como António Nóvoa (1992), Michäel Huberman (1992), Claude Dubar (1997), Ivor F. Goodson (1992), Pierre Dominicé (1990), Franco Ferrarotti (1988), entre outros, ilustram bem essa tendência, oferecendo forte respaldo ao emprego da abordagem biográfica e das histórias de vida na pesquisa educacional. Com análises ricas, predominantemente voltadas à educação básica, e marcados pela consistência metodológica, tais trabalhos despertaram interesse, influenciaram a configuração da produção intelectual brasileira e, para muitos pesquisadores, acabaram tornando-se uma referência.

Essas afirmações confirmam nossa defesa de que as narrativas podem significar importante contribuição para a pesquisa, dado o valor formativo que as entrevistas narrativas carregam. “Sua relevância, como técnica utilizada nas pesquisas qualitativas é amplamente reconhecida, especialmente nas pesquisas educacionais” (SOUZA; CABRAL, 2015, p. 149).

De igual modo, “o uso das narrativas tem se apresentado como uma estratégia para os cursos de formação de professores e para o desenvolvimento profissional” (SOUZA; CABRAL, 2015, p. 153). Os estudos de Bolívar (2002), Souza (2004) e Melo (2008), as apresentam como possibilidade de autoformação e na formação de professores.

Para Bolívar (2002, p. 138), “a vida só pode ser representada em forma de narração. Mas, ao mesmo tempo, para que não se fique no relato do professor, ela deve se reinscrever num contexto que amplie o sentido”.

Souza (2004, p. 13, grifo do autor), cuja tese de doutorado inscreve-se num amplo movimento de investigação-formação, adotou a abordagem biográfica como perspectiva epistemológica sobre a aprendizagem dos sujeitos a partir das experiências destes, analisando e compreendendo as implicações das narrativas no processo de formação e autoformação. Para ele, “a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do **conhecimento de si**”.

Para Melo (2008, p. 181) “o uso das narrativas autobiográficas na formação docente possibilita evocar a historicidade e a subjetividade do indivíduo em formação, desvendando a

experiência das trajetórias de escolarização, que fornece pistas sobre as práticas educativas que marcaram a sua vida”.

Nesse aspecto, as narrativas levam-nos à compreensão da historicidade do sujeito, fazendo-nos voltar para nós mesmos, num processo de reflexão que permite levar o estudo de processos de aprendizagem do âmbito individual para o social, possibilitando a compreensão desses processos, contextualizando-os no âmbito mais amplo da educação e da vida.

Pois, ainda que cada história de vida contemple uma perspectiva individual, a vida humana engloba múltiplas dimensões e contém conteúdos da sociedade em que essa pessoa está inserida, seus valores sociais e culturais, bem como seu contexto histórico e econômico.

Diferente dos formalistas, o pesquisador narrativo não começa sua pesquisa pela teoria, mas sim pela experiência como ela é, revelada em histórias vividas e contadas. Também não prescreve usos e aplicações. Por isso, a contribuição dele se encontra no fato de apresentar uma nova percepção de sentido e de relevância sobre o tema pesquisado. Ele pode, inclusive, transformar seus textos de pesquisa em textos literários, o que não os diminui, visto que:

muitos estudos narrativos são considerados importantes quando tornam textos literários para serem lidos pelos outros, não tanto pelo conhecimento que abarcam, mas pelo teste vicário das possibilidades de vida que permitem aos leitores da pesquisa. Esse uso da pesquisa narrativa amplia a conexão educativa da vida, da literatura e do ensino (CLANDININ; CONNELLY 2015, p. 75).

Seu desafio é elaborar textos que permitam ao leitor encontrar lugares para seus usos e aplicações. Para esses estudiosos, a pesquisa narrativa aborda assuntos temporais, focalizam no pessoal e no social e se desenvolvem em lugares específicos ou sequência de lugares. Segue por quatro direções, a saber: introspectiva, extrospectiva, retrospectiva, prospectiva. A direção introspectiva é aquela encaminhada pela esperança, reações estéticas e sentimentos. A extrospectiva são as condições existenciais, isto é, o meio ambiente. Retrospectiva e prospectiva referem-se à temporalidade: passado, presente e futuro.

Em qualquer tipo de pesquisa é necessário que o pesquisador esteja sempre alerta aos riscos, perigos e abusos envolvidos no exercício de pesquisar e divulgar os resultados. De igual maneira, a pesquisa narrativa coloca ao pesquisador muitas preocupações referentes à ética, anonimato, autoria, distinção entre fato e ficção, manutenção da despertabilidade, entre outros.

Para além da ética e anonimato, garantidos em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as pesquisas narrativas exigem uma ética que deve ser continuamente

buscada na consciência sobre a responsabilidade que temos na relação de amizade que estabelecemos com nosso recordador, e na nossa participação no processo de pesquisa. Devido ao fato de a pesquisa poder mudar ao longo de seu desenvolvimento, muitas vezes vamos muito além do acordado no TCLE, o que exige a realização de novos acordos para não sermos antiéticos.

Também o anonimato não parece ser possível de forma significativa nas pesquisas narrativas, porque “mesmo quando tentamos disfarçar o que estamos fazendo, outras pessoas podem dizer que estamos lá como pesquisadores. Nossos participantes podem dizer quem somos e o que estamos fazendo” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 225).

Além disso, muitas vezes os participantes das pesquisas querem ter suas histórias validadas na divulgação de seus nomes no texto de pesquisa, o que leva o pesquisador a ter que trabalhar toda a questão da vulnerabilidade trazida pela identificação.

Para Clandinin e Connely (2015, p. 231), outra questão a ser observada com cuidado em pesquisas narrativas é a distinção entre fato e ficção. Para eles este é um terreno arenoso, pois:

Quando um pesquisador está no campo e uma história é contada ou um evento é narrado, podemos bem imaginar as bases dessa história. Esses eventos realmente ocorreram? Como podemos saber? O narrador sabe? As respostas a essas perguntas, se são feitas de alguma forma, irão variar dependendo da história ou do evento. Podemos fazer tais perguntas novamente ao registrá-las em nossos textos de pesquisa. Algumas vezes registramos nossas confabulações em diários pessoais associados a outros textos de campos. Escrever uma história ou registrar um evento em um texto de pesquisa é condicional. É condicional aos nossos interesses e circunstâncias envolvidas.

Como vemos, muitas são as perguntas que fazemos quando estamos coletando dados em uma pesquisa narrativa. Por ser a pesquisa narrativa um tipo de pesquisa fluida, que está em desenvolvimento, ela carece de uma reflexão contínua, demandando aos pesquisadores um estado de atenção e alerta sobre todas as decisões de pesquisa, afinal,

Como outros métodos qualitativos, a narrativa se baseia em outros critérios que não os de validade, confiabilidade e generalizações. É importante não transformar a linguagem dos critérios na pesquisa narrativa em uma linguagem criada por outras formas de pesquisa. A linguagem e os critérios para se produzir uma pesquisa narrativa estão ainda em desenvolvimento em nossa comunidade de pesquisa. (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 7).

Com tais características, é preciso que os pesquisadores narrativos estejam sempre alertas e atentos sobre todas as decisões de pesquisa, dispostos a aprender os significados de

ser um pesquisador narrativo, ficando atentos às críticas e comentários sobre seus estudos, avaliando sempre o valor das pesquisas realizadas.

As narrativas no âmbito da investigação qualitativa

Entretanto, o mais importante em nossa vivência como pesquisador narrativo é ser capaz de refletir sobre quais escolhas realizar em uma determinada pesquisa narrativa.

Essas serão realizadas a partir da espécie de investigação que estamos realizando. Se estamos interessados nas singularidades dos sujeitos e dos campos pesquisados, essa investigação é qualitativa, e nesse sentido as narrativas, por muitas de suas características, e principalmente por romper com o método tradicional de coletar dados, por meio de entrevistas baseadas em perguntas e respostas, se constituem em um importante instrumento de pesquisa qualitativa.

Para Minayo (2012), a ação de compreender é a base e o sentido da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, Clandinin e Connelly (2015) afirmam que a pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência, sendo essa última o fundamental a ser apreendido nas pesquisas. Isto posto, afirmamos que as narrativas são uma forma de compreender as experiências dos seres humanos no mundo e com o mundo.

Em Minayo (2010, p. 254), compreendemos que “El mundo de la *experiencia* es el mundo de la vida, es decir, la base de toda acción, así como de toda operación de conocimiento y elaboración científica”. Por conseguinte,

El investigador cualitativo es desafiado permanentemente a comprenderse como un ser en el mundo en que las cosas, las vivencias y las experiencias también son significativas, pero marcadas por la incompletitud de su conocimiento. Es en esa condición que entra en el movimiento circular del otro como ser en el tiempo (ser histórico) y como ser en permanente velamiento y desvelamiento (MINAYO, 2010, p. 260).

Nesse sentido, o pesquisador narrativo é um pesquisador qualitativo, e pesquisas com esse cunho possuem o poder de formá-lo e transformá-lo, exatamente porque se encontra no mundo da vida, na base de toda ação e, por conseguinte, de toda operação de conhecimento.

Nessa mesma vertente, Rabello (2011, p. 183) afirma que:

A experiência humana tem uma qualidade estoriada que só pode ser interpretada de maneira qualitativa, pois cada indivíduo descreve narrativamente a sua vivência passada (como criança, docente, investigador ou componente de certo grupo), sempre reanalizando dentro do seu contexto atual – profissional, histórico, social.

Assim, também afirmamos que a história de vida é uma das modalidades de estudo em abordagem qualitativa.

Considerações finais

A nossa intenção ao refletir sobre o método de histórias de vida e, dentro dele, as narrativas, foi para fortalecer a ideia de tantos outros autores, muitos deles citados ao longo deste texto, de que no contexto da vida e dos cursos de formação de professores as experiências são conteúdos que merecem ser conhecidos, porque trazem reflexões que acarretam em auto formação e possibilidades de formação. Logo, coletá-las e/ou narrá-las por meio de narrativas representa uma grande oportunidade de crescimento, tanto para quem narra quanto para quem escuta.

Ademais, ficou evidente para nós que as narrativas levam à compreensão da historicidade do sujeito, da sua condição humana dentro do seu contexto experienciado, num processo contínuo de formação e auto formação, possibilitando a compreensão desses processos, contextualizando-os nos campos afetivos, sociais e cognitivos.

Ao concluirmos este texto, retomamos Clandinin e Connely, (2015, p. 129) e Lukács (1965, p. 94) que, em textos distantes meio século, afirmaram respectivamente que: “Fazer pesquisa narrativa é uma forma de viver”. Portanto, “narrar ou descrever é uma questão ligada à posição do escritor em face da vida”. Assim, concluímos confidenciando que o estudo que fizemos para elaboração deste texto ocorreu porque narrar é o que queremos para nossas vidas, porque acreditamos que narrar experiências de vida torna infinita a existência que até então parecia ser finita.

AGRADECIMENTOS: CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001 (Convênio nº 817164/2015 CAPES/PROAP)”.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, K. C. V. **História de Vida de alunos com deficiência intelectual: percurso escolar e a constituição do sujeito.** Orientadora: Rosana Glat. 2012. 154 f. Tese (doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Centro de Educação e Humanidades. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/KatiusciaAntunes_Tese_2012.pdf. Acesso em: 27 mar. 2020.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas.** Magia e técnica, arte e política. v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1985.p. 197-221.
- BERTAUX D. **Los relatos de vida.** Barcelona (ESP): Bellaterra; 2005.
- BERTAUX, D. **La perspective biografica: validez metodológica y potencialidades.** Paris: Presses Universitaires de France, 1980. (Cahiers Interantionaux de Sociologie, v. LXIX).
- BOLIVAR, A. **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola.** Bauru: EDUSC, 2002.
- BOSI, E. **Memória e sociedade.** Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURNIER, S; CRUZ, R. M. R; DURÃES, M. N; PAZ, M. L; SILVA, A. N; SILVA, I. M. M. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação.** v. 12, n. 35 maio/ago. 2007.
- CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos.** 3.ed. Campinas, SP, Autores Associados: PUC, 2014.
- CARNEIRO, M. S. C. **Deficiência mental como produção social: uma discussão a partir de histórias de vida de adultos com síndrome de down.** Orientador: Cláudio Roberto Baptista. 2007. 193 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/10829>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiência e investigacion narrativa. *In*: LARROSA, J. **Déjame que te cuente.** Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. Metodologia do serviço do atendimento educacional especializado em uma perspectiva inclusiva na escola regular. **Revista on line de Política e Gestão Educacional,** v. 22, n. esp. 2, p. 840-855, dez. 2018. ISSN 1519-9029. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/11916>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO), 2003.
- FREITAS, V. Fernando Pessoa. **Fragmentos de Uma Autobiografia.** Editora Clube de Autores, 2017.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**. v. 11, n. 2, p. 327-345, maio/ago. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132005000200013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 27 mar. 2020.

GIROTO, Claudia Regina Mosca; POKER, Rosimar Bortolini; VITTA, Fabiana Cristina Frigieri. 10 anos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva em debate: trajetória, limites e desafios. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 22, n. esp. 2, p. 711-715, dez. 2018. ISSN 1519-9029. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/11968>. Acesso em: 27 mar. 2020.

GLAT, R. **Somos Iguais a Vocês: Depoimentos de Mulheres com Deficiência Mental**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1989.

GLAT, R.; SANTOS, R. da S.; PLETSCHE, M. D.; NOGUEIRA, M. L. de L.; DUQUE, M. A. F. T. O método de história de vida na pesquisa em Educação Especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 10, n. 2, p. 235- 250, 2004.

HASS, C. **Narrativas e percursos escolares de jovens e adultos com deficiência: “Isto me lembra uma história!”**. Orientador: Cláudio Roberto Baptista. 2013. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/70601>. Acesso em: 27 mar. 2020.

LUKÁCS G. Narrar ou descrever? *In*: Konder L. (org). **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S A, 1965.

MANTOAN, M. T. E.; BAPTISTA, M. I. S. D. Inovar para fazer acontecer: como estamos fortalecendo redes de apoio à educação inclusiva. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 22, n. esp. 2, p. 763-777, dez. 2018. ISSN 1519-9029. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/11911>. Acesso em: 27 mar. 2020.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MELO, M.J.M. D de. **Olhares sobre a formação do professor de matemática**. Imagem da profissão e escrita de si. Orientadora: Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14143>. Acesso em: 27 mar. 2020.

MINAYO, M.C.S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MINAYO, M.C.S. Los conceptos estructurantes de la investigación cualitativa. **SALUD COLECTIVA**, Buenos Aires, v. 6, n. 3, p. 251-261, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=73115348002>. Acesso em: 27 mar. 2020.

MUYLAERT, C; JÚNIOR, V.S; GALLO, P.R; NETO, M. L. R; REIS, A. O. A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev Esc Enferm**. USP [online], v. 48, n. esp. 2, p. 193-199. ISSN 0080-6234. Disponível em:

http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf. Acesso em: 27 mar. 2020.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de vida. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 11-30.

PRADO, A. L; LAUDARES, E.M de. A; VIEGAS. P.P.C; GOULART, I. C.V. Narrativas digitais: conceitos e contextos de letramento. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. esp. 2, p. 1156-1176, ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10286>. Acesso em: 27 mar. 2020.

RABELO, A. O. A importância da investigação narrativa na educação. **Educ. Soc.**, v. 32, n. 114, 171-188, jan./mar 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a11v32n114.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

SANTOS, I. M. M. dos; SANTOS R. da S. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 714-719, out./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 27 mar. 2020.

SOUSA, M. G. da S; CABRAL, C. L de O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SOUZA, E, C; ALMEIDA, J, B. Narrar histórias e contar a vida: memórias cotidianas e histórias de vida de educadores baianos. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B. **Pesquisa (auto) biográfica em rede**. Natal: Ed. UFRN; Porto alegre: Ed. IPUCRS; Salvador; Ed. UNEB, 2012. p.29-31.

SOUZA, E. C de. **O conhecimento de si**: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. Orientadores: Maria Ornélia Silveira Marques e António Nóvoa. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10267>. Acesso em: 27 mar. 2020.

THESING, M. L. C; COSTAS, F. A. T. A pesquisa em educação: aproximações iniciais. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 3, p. 1839-1853, jul./set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9644>. Acesso em: 27 mar. 2020.

ZABALZA, M. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

Como referenciar este artigo

ROCHA, Leonor Paniago; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. A pesquisa narrativa em educação especial. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp. 1, p. 884-899, maio 2020. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15iesp.1.13500>

Submetido em: 11/10/2019

Revisões requeridas: 20/11/2019

Aprovado em: 28/12/2019

Publicado em: 30/04/2020